

A CONSTRUÇÃO DE UM ARTEFATO METODOLÓGICO PARA MEDIR AVALIAÇÕES METALINGUÍSTICAS SUBJETIVAS

CARLA REGINA MARTINS VALLE*

FELÍCIO WESSLING MARGOTTI**

RESUMO

Confrontando as respostas de falantes de Florianópolis, com aquelas de falantes de Porto Alegre, São Paulo e Curitiba às questões metalinguísticas propostas pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (AliB), procuramos: a) identificar o que as questões metalinguísticas podem nos revelar sobre a consciência e a atitude linguística dos falantes entrevistados; b) propor e testar a construção de um artefato metodológico para medir/quantificar avaliações metalinguísticas subjetivas. Observamos que, mais do que servir para verificar o grau de consciência linguística dos falantes, as respostas às questões metalinguísticas têm o papel essencial de revelar atitudes linguísticas, colaborando para a percepção da implementação ou da extinção de formas em variação. Conseguimos também demonstrar que é viável agrupar questões relacionadas à consciência linguística, estabelecer critérios para classificar as respostas dadas pelos entrevistados e medir o índice de consciência linguística dos falantes de uma determinada região ou grupo.

PALAVRAS-CHAVE: geolinguística, questões metalinguísticas, consciência linguística, atitude linguística.

INTRODUÇÃO

A percepção da necessidade de incluir nos estudos dialetais outros níveis da gramática, além da variação fonético-fonológica e semântico-lexical na perspectiva diatópica, não é algo novo. Coseriu, em

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: carlavalles10@gmail.com

** Professor-Doutor da Universidade Federal de Santa Catarina.

E-mail: wfelicio@cce.ufsc.br

1982, ao tratar do sentido e das tarefas da dialetologia, afirmava que, apesar de ter como papel fundamental o estudo da configuração espacial das línguas, uma investigação completa no campo dialetal deveria considerar todos os níveis e estilos de língua.

Contudo, somente quando instaurada a “crise” na geolinguística românica – vista como ultrapassada e obsoleta – é que as inovações da geolinguística moderna recebem o devido destaque, conforme observam Radtke e Thun ([1991]1996). O Simpósio “Novos caminhos da geolinguística românica”, realizado na Alemanha, em 1991, torna-se o grande marco nesse período de transição de uma geografia linguística monodimensional para uma geolinguística com *status* de verdadeira ciência da variação e que amplia o inventário de parâmetros considerados até então na maioria das pesquisas dialetais.

No Brasil, os novos caminhos também começam a ser trilhados e surgem muitos projetos para a criação de atlas regionais, já estruturados metodologicamente a partir dos novos objetivos da geolinguística (CARDOSO; MOTA, 2006). Incorporando os princípios implementados pela Sociolinguística desde 1960, esta nova ciência pluridimensional, além de observar a variação geográfica, considera ainda a variação entre estilos de língua, ou registros de fala (variação diafásica), e entre indivíduos, incluindo informantes estratificados em sexo (variação dia-genéria), idade (variação diageracional) e escolaridade ou outro parâmetro social (variação diastrática).

Nessa nova fase, a retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALIB), em 1996, é vista como divisor de águas no Brasil. De alcance nacional e com metodologia renovada, o projeto também segue a ampliação do campo de estudo na nova fase, incorporando questões que resultam em dados morfossintáticos, pragmático-discursivos e metalinguísticos, além daquelas que tradicionalmente buscavam por dados fonético-fonológicos e léxico-semânticos.

Alvo do nosso interesse neste artigo, as questões metalinguísticas, doravante QMs, podem nos fornecer informações sobre o saber metalinguístico dos falantes e suas atitudes linguísticas. Segundo Radtke e Thun ([1991]1996), apesar da dificuldade, esse conhecimento metalinguístico pode ser sistematizado e cartografado em contraste com o uso linguístico que os falantes têm de fato, constituindo-se como uma das metas da investigação da geolinguística moderna.

Além do uso que os falantes fazem da língua, as crenças e atitudes que eles têm a respeito de determinadas formas em variação – e por extensão a respeito de determinadas variedades de língua – são de grande importância nos rumos da mudança linguística, na permanência ou extinção de formas em variação (WEINREICH, LABOV e HERZOG, [1975]2006). No Projeto ALiB, que pretende ser o atlas linguístico mais completo sobre o português falado no Brasil, o objetivo para o tratamento das respostas obtidas através das seis QMs é apenas verificar o grau de consciência linguística do informante. Contudo, questões desse tipo, quando elaboradas com refinamento e voltadas para objetivos mais específicos, já se mostraram eficientes na obtenção de informações relevantes sobre as atitudes linguísticas dos falantes.

Nesse ponto, emergem as questões centrais que nos instigam: a) o que as questões metalinguísticas, particularmente aquelas do Projeto ALiB, podem nos revelar sobre a consciência e a atitude linguística dos falantes entrevistados?; b) é possível ir além dos comentários qualitativos e medir/quantificar avaliações metalinguísticas subjetivas?

Empenhados em responder a tais questões, iniciamos nosso artigo trazendo a tona trabalhos que lidaram com os conceitos de avaliação/atitude linguística, consciência linguística e identidade. Em seguida, na segunda seção, descrevemos a nossa tentativa de construção de um artefato metodológico, o qual chamamos de *índice de consciência linguística*, capaz de traduzir em números aquilo que qualitativamente podemos observar sobre a consciência linguística dos falantes do ALiB, além de buscarmos mecanismos para saber mais também sobre as atitudes linguísticas dos falantes entrevistados. Na terceira seção, após explicar os motivos que nos levaram a confrontar Florianópolis com Curitiba, Porto Alegre e São Paulo, testamos nosso artefato para medir consciência linguística e as avaliações subjetivas dos falantes, aproveitando também para apontar alguns traços característicos do falar florianopolitano.

1. OBSERVANDO O QUE OS FALANTES DIZEM SOBRE A LÍNGUA

O que norteia o presente artigo e faz com que voltemos nosso olhar para as questões metalinguísticas é a nossa crença de que a percepção/postura dos falantes diante de fatos da língua é fundamental

para a mudança linguística e pode ser observada em uma via tripartida que engloba a relação avaliação/atitude linguística, consciência linguística e identidade.

As atitudes linguísticas ou avaliações subjetivas sobre a língua – que constituem um dos cinco problemas fundamentais da sociolinguística – podem ter papel determinante na mudança linguística. Essas atitudes em relação a determinadas formas em variação estão ligadas à consciência de seu significado social, de prestígio ou de estigma (LABOV, [1972]2008; WEINREICH, LABOV e HERZOG, [1975]2006).

Seria lógico, então, pensar que atitudes positivas poderiam acelerar uma mudança, enquanto atitudes negativas poderiam freá-la, ou até mesmo colaborar para a extinção de formas estigmatizadas. Em muitos casos, é realmente isso o que ocorre, mas a questão não é tão simples assim. Apesar do valor social, um grupo de falantes pode preferir privilegiar formas avaliadas como estigmatizadas por outros falantes ou optar pelo uso da fala informal ou vernacular justamente para marcar sua identidade (MOLLIKA, 1995). É o que verificou Eckert (2004) em seu estudo em Belten High sobre os conflitos no ambiente escolar entre o grupo dos *burnouts* (orientados à área urbana e à cultura operária), que lideravam o uso de variantes urbanas em variáveis fonológicas e na negação dupla, e dos *jocks* (orientados à escola e à cultura da classe média), que conscientemente evitavam e até mesmo rejeitavam o estabelecimento das variantes urbanas.

Parece que, como aponta Fernández (1998) de modo mais abrangente para a situação de contato linguístico, as atitudes linguísticas estão ligadas não somente às línguas mesmas, mas também à identidade dos grupos que as manejam. Dessa forma, um conjunto de variantes, que no fim das contas vai caracterizar uma determinada variedade de língua, pode ser interpretado como definidor da identidade de um grupo de falantes.

Na ilha de Martha's Vineyard (EUA), Labov ([1972]2008) constata que a atitude linguística dos falantes nativos, de manter certos traços característicos de sua língua ante a pressão para mudanças, não poderia ser explicada senão como uma forma de manutenção de sua identidade, dada a entrada cada vez maior de turistas na ilha.

Para tentar saber mais sobre consciência/atitude linguística e identidade, o Atlas Linguístico Guarani-Românico (ALGR), coordenado por Wolf Dietrich, Almidio Aquino e Harald Thun (até o momento,

o mais ousado na investigação dos saberes metalinguísticos), examina a situação de contato entre o guarani do Paraguai e as outras línguas faladas na tríplice fronteira Paraguai-Argentina-Brasil. O questionário, que contém uma parte linguística e outra estatística/sociolinguística, é composto por 75 questões sobre a identidade dos informantes e seus saberes metalinguísticos. Como resultado, foram lançados, em 2002, dois tomos (um com comentários, outro com cartas) do ALGR-Sociologia, com o objetivo de “dar uma imagem autêntica do que pensam os paraguaios de suas línguas, do ensino delas, do uso fora da escola, das medidas necessárias para resgatar ou cultivá-las e do papel das línguas na constituição da identidade paraguaia” (THUN et al., 2002, p. 1).

Em sua tese sobre a “Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no Sul do Brasil”, Margotti (2004) elaborou um complexo e detalhado questionário metalinguístico que aplicou aos informantes das 8 cidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul selecionadas para a sua pesquisa. O objetivo da aplicação do questionário era buscar respostas, de modo qualitativo, sobre a identidade étnica e as atitudes linguísticas nas áreas de colonização italiana observadas pelo estudo. Como resultado, Margotti verificou que, se por um lado os descendentes de italianos não apresentam mais a grande vergonha, percebida em um passado recente, de falar italiano e até mesmo envolver-se em um movimento de valorização da sua cultura, por outro lado, o português de contato com o italiano ainda é bastante estigmatizado, sendo considerado “português de colono grosso, de pessoas sem estudo” (MARGOTTI, 2004, p. 253).

Fora do contexto bilíngue, a aplicação de QMs também tem sido muito esclarecedora ao lidar com a opinião dos falantes sobre as formas que produzem e sobre a(s) variedade(s) de língua que usam. Labov (2006),¹ em pesquisa sobre os negros do Harlem,² em Nova Iorque, valeu-se de questões sobre a língua para confrontar atitude e uso, tais como: 1. O que você acha da sua própria fala?; 2. Alguma vez você já tentou mudar a sua fala?; 3. O que você acha sobre a fala da cidade de Nova Iorque?

O mérito do Projeto ALiB, segundo Aguilera (2008), é, pela primeira vez na história da geolinguística do Brasil, inserir em seu questionário QMs que promovam repostas sobre crenças e atitudes linguísticas. A pesquisadora sugere que a inserção de questões desse tipo pode

motivar futuros autores de projetos geosociolinguísticos a contemplar [...] um tema cujos resultados podem indicar a direção da mudança linguística que se processa em dada comunidade, bem como esclarecer em que medida os fatos linguísticos valorizados ou estigmatizados podem interferir nessa mudança. (AGUILERA, 2008, p. 110)

2. AS QUESTÕES METALINGÜÍSTICAS DO ALiB E A CONSTRUÇÃO DE UM ARTEFATO METODOLÓGICO PARA MEDIR CONSCIÊNCIA E ATITUDE LINGÜÍSTICA

O questionário metalingüístico que utilizamos para tentar responder às questões norteadoras do trabalho representa uma pequena parte do questionário integral³ do Projeto ALiB.⁴ De início, já observamos que nenhuma das seis QMs interroga diretamente a postura dos falantes com relação a variedades linguísticas ou a fenômenos específicos:

Quadro 1. Questões metalingüísticas do Projeto ALiB

PERGUNTAS METALINGÜÍSTICAS DO PROJETO ALiB

1. Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?
2. Tem gente que fala diferente aqui em _____ (citar a cidade onde está)? Se houver, identificar os grupos “que falam diferente”.
3. Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas “que falam diferente”?
4. E, em outros lugares do Brasil, fala-se diferente daqui de _____ (citar a cidade onde está)?
5. Poderia dar um exemplo do modo como falam em outros lugares do Brasil?
6. No passado, falavam diferente aqui?

Fonte: Projeto ALiB, 2011

Uma leitura preliminar das respostas⁵ de dois informantes de cada cidade foi feita para verificar se as QMs eram respondidas, pelo menos parcialmente, e se julgamentos sobre questões de língua eram frequentes. Por meio dessa leitura, foi possível sistematizar certas regularidades nas respostas, o que resultou na elaboração de um formulário de análise (doravante FA) com quatro questões, apresentado a seguir, que serviu como primeiro passo para responder às questões que norteiam o presente estudo.

Quadro 2. Formulário de análise elaborado a partir das QMs do ALiB e exemplos

FORMULÁRIO DE ANÁLISE ELABORADO A PARTIR DAS QMs DO ALiB	EXEMPLOS
<p>1) O informante percebe diferenças linguísticas entre os falantes da sua cidade?</p> <p>a) Não responde a essa questão b) Não percebe diferenças c) Percebe diferenças, mas não as identifica d) Percebe diferenças e as identifica com dificuldade e) Percebe diferenças e as identifica com facilidade</p>	<p><i>Exemplo de resposta do informante que percebe diferenças e as identifica com facilidade</i></p> <p>Se nós formos no Pântano do Sul e eu perguntar pra uma menina, “Dai visse alguém?” “ô, ió, ió, num vi, não”. Entendeu? [...] se for chamada dona Maria, no Campeche, eles vai falá sinhá Maria. Entendeu? É... Não é dona Maria: “Ah, sinhá Maria passô ali”. Entendeu? É... eles têm...um estilo meio açoriano de falá. FLNH1PRI (230/1)⁶</p>
<p>2) O informante percebe diferenças linguísticas entre os falantes das diversas regiões do Brasil?</p> <p>a) Não responde a essa questão b) Não percebe diferenças c) Percebe diferenças, mas não as identifica d) Percebe diferenças e as identifica com dificuldade e) Percebe diferenças e as identifica com facilidade</p>	<p><i>Exemplo de resposta do informante que percebe diferenças e as identifica com facilidade</i></p> <p>Pois... é vamos... é carregado o êsse (_S_) deles, né? Quando começa a falar você já sabe que é carioca, né? [...] O nordestino conhece pelo sotaque também né já é o... [...] É aquela... a gente conhece assim pelo sotaque na voz dele a gente já sabe que é baiano, é lá do nordeste mesmo, né? [...] Rio Grande do Sul usa muito tu, tchê, a caraça eles já não puxa o érre (_R_) muitos. né? CRTH2PRI (220/3)</p>
<p>3) O informante percebe mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo?</p> <p>a) Não responde a essa questão b) Não percebe mudanças c) Percebe mudanças, mas não as identifica d) Percebe mudanças e as identifica com dificuldade e) Percebe mudanças e as identifica com facilidade</p>	<p><i>Exemplo de resposta do informante que percebe mudanças e as identifica com facilidade</i></p> <p>Ah, eu acho que sim porque geralmente o pessoal daqui é do interior, né? Que nem o meu vô falava diferente do que eu falo hoje. [...] A nona, a vô do meu namorado ela fala bem, o vô do meu namorado que é de descendência polonesa fala com sotaque carregado. [...] É difícil tu encontrar uma pessoa mais velha que fale gíria. POAM1SUP (243/6)</p>

(Continua)

FORMULÁRIO DE ANÁLISE ELABORADO A PARTIR DAS QMs DO ALiB	EXEMPLOS
<p>4) Como o informante avalia a variedade falada em sua cidade em relação a outras variedades?</p> <p>a) A avaliação do informante não fica clara</p> <p>b) Julga sua variedade como inferior ou menos “correta” que outras</p> <p>c) Julga sua variedade como superior ou mais “correta” que outras</p> <p>d) Julga que sua variedade não é nem inferior, nem superior a outras</p>	<p><i>Exemplo de resposta do informante que julga sua variedade como superior ou mais “correta” que outras</i></p> <p>Eu acho, eu acho que em princípio o gaúcho, em princípio, eu acredito que seja o povo que mais fala bem a língua portuguesa [...] Até que eu acho que o portoalegrense fala bem o português, (est) com todos os pecados que se tem no falar, né? Até em concordância verbal, né? Com todos os pecados que se tem eu acho que falam bem. POAH2SUP (243/7)</p>

Percebe-se que, para cada uma das três primeiras questões, temos cinco possibilidades de classificação. Observemos a classificação em detalhe para a questão 1: 1) não responde a essa questão quando o informante por algum motivo desvia-se da resposta; 2) não percebe diferenças quando o informante diz não perceber nenhuma diferença linguística entre os falantes da sua cidade; 3) percebe diferenças, mas não as identifica quando o informante apenas diz que existem diferenças linguísticas entre os falantes da sua cidade, mas não fornece nenhum exemplo ou detalhamento para sua afirmação; 4) percebe diferenças e as identifica com dificuldade quando o informante diz que existem diferenças linguísticas entre os falantes da sua cidade, fornece alguns exemplos, mas demonstra (ou até mesmo afirma) ter certa dificuldade para identificá-las; 5) percebe diferenças e as identifica com facilidade quando o informante diz que existem diferenças linguísticas entre os falantes da sua cidade, fornece vários exemplos e explica com detalhes essas diferenças. As mesmas cinco possibilidades de classificação são observadas para as questões 2 e 3.

É possível comparar o quadro do FA com o quadro das QMs do ALiB e verificar que a questão 1 do FA é estruturada a partir das respostas às QMs 2 e 3 do ALiB, enquanto a questão 2 do FA inclui as respostas às QMs 4 e 5 e a resposta à QM 6 serve de base para a questão 3 do FA.

A Questão 4 do FA não corresponde a nenhuma QM do ALiB, pois o questionário do atlas não apresenta questões diretas que sugiram

respostas envolvendo a avaliação linguística dos falantes. Mesmo assim, julgamentos e comentários do falante sobre a sua variedade e sobre as variedades dos outros surgem durante as respostas a outras questões. Para essa questão, temos quatro possibilidades: 1) a avaliação do informante não fica clara quando ele não faz nenhum julgamento sobre a sua variedade; 2) julga sua variedade como inferior ou menos “correta” que outras quando o julgamento feito pelo informante é negativo; 3) julga sua variedade como superior ou mais “correta” que outras quando o julgamento feito pelo informante é positivo; 4) julga que sua variedade não é inferior nem superior a outras quando o informante manifesta uma posição neutra ao comparar variedades de língua.

2.1 Índice de consciência linguística

Para tentar medir o grau de consciência linguística dos falantes de uma determinada região ou grupo de nossa amostra, reunimos as três primeiras questões do FA. Elas tratam basicamente da percepção da variação e da mudança linguística e acreditamos que, ao observá-las em conjunto, poderíamos obter dados consistentes sobre o grau de consciência linguística de um grupo de falantes.

Em um primeiro momento, tínhamos elencado cinco possibilidades de classificação das respostas dos falantes para essas questões, como já detalhamos. Contudo, percebemos que a fronteira entre *perceber diferenças/mudanças linguísticas e identificá-las com dificuldade* ou *perceber diferenças/mudanças linguísticas e identificá-las com facilidade* nem sempre era muito clara. Decidimos, então, que, ao perceber diferenças/mudanças linguísticas e identificá-las de alguma forma, o falante demonstra um grau mais elevado de consciência linguística. Desse modo, para as três primeiras questões do FA, juntamos as respostas B e C (menos consciência) *versus* D e E (mais consciência) e elaboramos uma formulação para medir o índice de consciência linguística dos falantes (Quadro 3).

Da mesma forma, é possível aplicar esse cálculo estabelecendo outros tipos de agrupamentos para os informantes. Nós fizemos essa aplicação para, além de observar diferenças nos índices de consciência na variação diatópica, verificá-las também na variação diagenérica (sexo), diageracional (idade) e diastrática (escolaridade).

Quadro 3. Fórmula para o cálculo do índice de consciência linguística dos falantes por região

PERCEPÇÃO DE DIFERENÇAS/ MUDANÇAS	REGIÃO 1
Questão 1 do FA	Número de falantes que demonstram grau elevado de consciência linguística na questão 1 ÷ pelo número total de falantes da região 1 = ao índice de consciência linguística dos falantes da região 1 para a questão 1.
Questão 2 do FA	Número de falantes que demonstram grau elevado de consciência linguística na questão 2 ÷ pelo número total de falantes da região 1 = ao índice de consciência linguística dos falantes da região 1 para a questão 2.
Questão 3 do FA	Número de falantes que demonstram grau elevado de consciência linguística na questão 3 ÷ pelo número total de falantes da região 1 = ao índice de consciência linguística dos falantes da região 1 para a questão 3.
ÍNDICE DE CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA	Soma dos índices de consciência linguística dos falantes da região 1 ÷ pelo número de questões (3) = ao índice de consciência linguística dos falantes da região 1.

3. CONSCIÊNCIA, ATITUDE E IDENTIDADE LINGUÍSTICA EM FLORIANÓPOLIS
EM CONTRASTE COM AS DEMAIS CIDADES DA AMOSTRA

Restringimos a pesquisa às amostras referentes a quatro cidades: Florianópolis, Curitiba, Porto Alegre e São Paulo. Como se tratam de capitais, os informantes estão estratificados em dois níveis dentro de três variáveis sociais, somando 8 informantes por cidade e totalizando 32 informantes em análise, conforme detalha o Quadro 4.

Devemos ressaltar que, contando com um informante por célula, existem certas limitações nos resultados obtidos. Porém, este é muito mais um trabalho de testagem metodológica e sobre os rumos para o tratamento da QMs, do que algo acabado ou conclusivo.

A escolha das quatro cidades que compõem nossa amostra não é aleatória, ao contrário, é determinada por razões vinculadas à identidade e às atitudes linguísticas dos falantes, o que a torna um conjunto importante para que possamos colocar em cheque os questionamentos que regem o presente artigo.

Para sermos mais exatos, nosso foco está em Florianópolis e em sua relação com as demais cidades. A capital catarinense que, em um

passado recente vira “Ilha da Magia” e atrai inúmeros migrantes, em sua maioria vindos dos estados vizinhos do Paraná, Rio Grande do Sul e São Paulo, ainda está em busca de sua identidade e vira palco de uma série de conflitos, também linguísticos, no decorrer dessa empreitada.

Quadro 4. Distribuição dos informantes nas quatro cidades da amostra conforme idade, escolaridade e sexo

DISTRIBUIÇÃO DOS INFORMANTES NAS QUATRO CIDADES DA AMOSTRA EM ANÁLISE CONFORME IDADE, ESCOLARIDADE E SEXO	DE 18 A 30 ANOS		DE 50 A 65 ANOS	
	PRIMÁRIO	SUPERIOR	PRIMÁRIO	SUPERIOR
Florianópolis	H M	H M	H M	H M
Curitiba	H M	H M	H M	H M
Porto Alegre	H M	H M	H M	H M
São Paulo	H M	H M	H M	H M

Pagotto (2001), com base em dados do Relatório do Centro de Estudos, Cultura e Cidadania, de 1996, aponta para as abruptas mudanças no cenário de Florianópolis. Os moradores da cidade, na maior parte descendentes de imigrantes vindos dos Açores, viveram, durante longo tempo, de uma cultura de subsistência, baseada no cultivo agrícola em pequenas propriedades, na produção de farinha e na lida com a pesca. Mais tarde, em um período iniciado em 1926, em virtude da construção da ponte Hercílio Luz ligando a Ilha ao continente, a cidade passou por grandes modificações com a construção de estradas e a implantação de órgãos públicos (UFSC, ELETROSUL, UDESC, TELESC), que atraíram para a capital de Santa Catarina os funcionários que atuam no setor. Com a explosão do turismo, a partir de 1981, novas mudanças foram percebidas e as vilas de pescadores rapidamente se transformaram em balneários e logo em bairros, tornando-se regiões microurbanas, muitas delas quase uma extensão da área urbana central.

Essas modificações na infraestrutura da cidade e no modo de vida local e a entrada daqueles que os nativos chamam de os “de fora” tiveram forte impacto na organização social da cidade. Sobre o assunto, Pagotto (2001) afirma:

A cidade vive uma guerra, com a superposição de dicotomias várias, que vão recobrando o processo de identificação. De fato, a grande

questão para Florianópolis hoje é a da identidade. Cidade turística, cidade moderna, zona rural, vila de pescadores, cidade de funcionários públicos, paraíso perdido, ilha da magia, cidade de migrantes, polo de herança açoriana no sul. (p. 9)

Com foco nessa variedade cultural e linguística, observamos as QMs do ALiB em busca de indícios sobre a consciência e a atitude linguística dos falantes: a) quantificando e comparando o grau de consciência linguística dos informantes analisados; b) verificando como os falantes de Florianópolis avaliam/julgam sua própria variedade em contraste com os falantes de Porto Alegre, Curitiba e São Paulo; c) identificando quais as características mais salientes da variedade falada em Florianópolis.

3.1 Grau de consciência linguística

Os resultados obtidos para a variação diatópica demonstram que o índice de consciência linguística de grupos de falantes muda de acordo com a região. Observando a Tabela 1, percebemos que Curitiba e Florianópolis ficam com os índices mais baixos (0.62 e 0.66, respectivamente), já para São Paulo o índice é mais elevado (0.79) e, em Porto Alegre, atinge o ponto mais alto (0.87).

Tabela 1. Índice de consciência linguística dos falantes da amostra por cidade

PERCEÇÃO DE DIFERENÇAS/MUDANÇAS Soma das 2 respostas que indicam capacidade real de percepção e identificação de diferenças/mudanças linguísticas	FLORIANÓPOLIS	CURITIBA	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE
Questão 1 do FA	7/8= 0.87	3/8= 0.37	7/8= 0.87	7/8= 0.87
Questão 2 do FA	6/8= 0.75	8/8= 1	8/8= 1	7/8= 0.87
Questão 3 do FA	3/8= 0.37	4/8= 0.5	4/8= 0.5	7/8= 0.87
ÍNDICE DE CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA	1.99/3=0.66	1.87/3= 0.62	2.37/3= 0.79	2.61/3= 0.87

Contudo, quando observamos individualmente os informantes de Curitiba, verificamos que quatro deles não respondem à questão 1 do FA, o que acaba sendo determinante para que o índice de consciência linguística nessa cidade seja o mais baixo. De fato, isso ocorre porque os entrevistados não entendem exatamente o objetivo da pergunta feita pelo inquiridor, interpretando *gente que fala diferente* como estrangeiros ou visitantes de outros estados brasileiros, mas não como grupos dentro da própria cidade que apresentam diferenças linguísticas.

A questão 3 do FA também tem papel determinante para estabelecer a diferença no índice geral entre as quatro cidades. Os florianopolitanos são os que apresentam menor índice de consciência em relação às mudanças que ocorrem na língua (0.37), enquanto os porto-alegrenses obtêm o índice maior (0.87). Essa diferença entre as duas cidades, que acaba sendo refletida no resultado geral, pode ser o reflexo da própria relação de identidade que os falantes de cada localidade têm com a língua e com o lugar onde vivem. É notadamente curioso que em Florianópolis – cidade que justamente tomamos como ponto de partida para a comparação com as demais, por sua problemática com a identidade – o índice de consciência linguística seja um dos mais baixos, o que parece refletir justamente o momento de instabilidade que vive a cidade.

Além disso, procuramos estabelecer o índice de consciência linguística relacionado à variação diagenérica, diageracional e diastrática. Conforme já podíamos prever e constatamos na Tabela 2, na variação diastrática encontramos diferenças significativas entre o grupo dos falantes com até quatro anos de escolarização (0.64) e aqueles com curso superior (0.83).

Mais detalhadamente, é possível perceber que essa diferença entre menos e mais escolarizados é ainda mais exacerbada na questão 3 (0.37 e 0.75, respectivamente) voltada para aspectos relacionados à percepção da mudança linguística.

A mesma distribuição também é verificada entre falantes mais jovens (0.37) e mais velhos (0.75) na questão 3, apesar de as diferenças serem menores no índice de consciência linguística geral (0.70 para o grupo dos falantes de 18 a 30 anos de idade e 0.76 para o grupo dos falantes de 50 a 65 anos de idade).

Esses resultados, se por um lado apenas confirmam a informação geral de que os mais escolarizados e mais velhos teriam maior cons-

ciência de questões relacionadas à língua, especialmente a mudanças linguísticas, por outro lado, são de fundamental importância para testar e validar o procedimento metodológico que propomos aqui para a medição da consciência linguística de grupos de falantes.

Tabela 2. Índice de consciência linguística dos falantes da amostra por sexo, idade e escolaridade

PERCEPÇÃO DE DIFERENÇAS/ MUDANÇAS	VARIAÇÃO DIAGENÉRICA (sexo)		VARIAÇÃO DIAGERACIONAL (idade)		VARIAÇÃO DIASTRÁTICA (escolaridade)	
	H	M	18 a 30	50 a 65	PRI	SUP
Soma das 2 respostas que indicam capacidade real de percepção e identificação de diferenças/mudanças linguísticas						
Questão 1	12/16 = 0.75	12/16 = 0.75	13/16 = 0.81	11/16 = 0.68	11/16 = 0.68	13/16 = 0.81
Questão 2	15/16 = 0.93	14/16 = 0.87	15/16 = 0.93	14/16 = 0.87	14/16 = 0.87	15/16 = 0.93
Questão 3	9/16 = 0.56	9/16 = 0.56	6/16 = 0.37	12/16 = 0.75	6/16 = 0.37	12/16 = 0.75
ÍNDICE DE CONSCIÊNCIA LINGUÍSTICA	2.24/3 = 0.75	2.18/3 = 0.73	2.11/3 = 0.70	2.3/3 = 0.76	1.92/3 = 0.64	2.49/3 = 0.83

Saber que os resultados numéricos apresentados na Tabela 2 refletem nossa intuição geral e estão de acordo com inúmeros trabalhos que lidam com variáveis sociais significa dar à medição que propomos a viabilidade como ferramenta para a análise quantitativa da consciência linguística, que até então não se considerava mensurável nas pesquisas geolinguísticas. Significa também concluir que o objetivo proposto para as QMs do ALiB é cumprido e parece ser possível, através delas, apontar o grau de consciência linguística de grupos de falantes.

3.2 Atitude linguística

Mesmo que as QMs do ALiB não apresentem questões diretas que sugiram respostas envolvendo a avaliação linguística dos falantes, perce-

bemos que julgamentos requisitados pelo entrevistador ou espontâneos surgem durante a aplicação do questionário. Nossa hipótese era que, entre os falantes das cidades que compõem nossa amostra, os florianopolitanos, supostamente envolvidos nesse momento de conflitos identitários, seriam os que mais apresentariam atitudes linguísticas negativas em relação à sua variedade, tendendo a considerá-la “menos correta”.

Conforme podemos verificar na Tabela 3, todos os informantes de Florianópolis que emitem opinião sobre sua variedade de fala (3 informantes) julgam-na inferior ou menos “correta” que outras. Apenas um falante em Curitiba faz um julgamento negativo de sua variedade. Os demais falantes que se posicionam julgam sua variedade superior ou neutra, sendo Porto Alegre a capital onde verificamos o maior número de falantes que julgam sua variedade “mais correta” do que outras (4 informantes).

Tabela 3. Atitude linguística dos falantes da amostra por região

QUESTÃO 4 - COMO O INFORMANTE AVALIA A VARIEDADE FALADA EM SUA CIDADE EM RELAÇÃO ÀS VARIEDADES DE OUTRAS CIDADES?	FLORIANÓPOLIS	CURITIBA	SÃO PAULO	PORTO ALEGRE
Julga sua variedade como inferior ou menos “correta” que outras	3	--	1	--
Julga sua variedade como superior ou mais “correta” que outras	--	2	3	4
Julga que sua variedade não é nem inferior nem superior a outras	--	1	--	1

Apesar do resultado geral traduzido em números, precisamos dar atenção aos motivos para essas avaliações, que acabam sendo apontados durante a resposta dos falantes:

- (1) Manezinho né, o caipira, manezinho, que lá no coiso é caipira, aqui é manezinho, eu por exemplo, eu falo, se é daqui, amanhã a senhora for ouvi essa gravação, escutá, pode vê que eu falo, puxo alguma coisa no, pus tu, eu falo, a gente fala errado, não falo igual as pessoa que falu certo, ninguém fala certo, eu falo que eu, eu falo o meu estilo de falá é igual lá do sítio lá, então não mudei nada, não mudei nada. [...] nós aqui fala muito rápido, lá eles fazem muito, eles falam muito espaçoso, eles fala

tudo certo lá, o gaúcho, o gaúcho já é um povo que já fala, o gaúcho fala certinho, pronuncia o português claro, é gori, ele não fala guri não. FLNH2PRI (230/3)

- (2) a gente dizia que o pessoal da cidade falava bonito, o pessoal do sítio falava errado né, [...] a gente tinha, né aquela fama de falá errado, tu morava no interior né, tu era da zona, da, da região da praia, e tu falava errado, então...FLNM2SUP (230/8)

Percebemos que a variedade julgada inferior é atribuída a um grupo específico de indivíduos chamados de “manezinhos”, que preservam traços relacionados às localidades do interior da ilha, até há pouco tempo ainda de difícil acesso. O informante (230/3) oscila entre dizer que fala “errado” e negar a existência de instâncias do “certo” e do “errado” na língua, mas acaba cedendo e, na comparação com os gaúchos, fica claro o seu julgamento de inferioridade em relação à variedade dos outros.

O próprio termo “manezinho”, segundo Fantin (2000 apud PAGOTTO 2001), é ambíguo e contraditório. Por um lado, representa aquele que está ligado a costumes de um tempo que ficou para trás em uma cidade que mudou rápido demais; por outro lado, representa aquele que mantém de forma renovada as tradições que não devem ser esquecidas para o bem do resgate da identidade do florianopolitano em meio ao caos linguístico e cultural forjado pela entrada dos “de fora”.

Nossos resultados para a amostra do ALiB mostram que justamente os falantes de Curitiba, São Paulo e Porto Alegre, aqueles que os florianopolitanos designam como os “de fora”, demonstram uma opinião bastante positiva em relação à variedade que utilizam, como podemos observar através dos exemplos abaixo:

- (3) ... o curitibano eu acho que... [...] da população que eu acho que fala até mais correto, é... pronuncia bem as palavras porque muitos brasileiros tem... ‘cê não entende às vezes o que o cara fala, o mineiro, do...o carioca fala mais...né, o catarinense às vezes fica...o curitibano mesmo tem o hábito mais de pronunciar mais as frases, mais...é o que gente sente essa diferenciação ... CRTH2SUP (220/7)
- (4) ... eu acho, eu acho que em princípio o gaúcho, em princípio, eu acredito que seja o povo que mais fala bem a língua portuguesa. [...] Até em função que a gente tem a oportunidade de viajar um

pouquinho por esse Brasil, né? e a gente sentia e conversando com pessoas foi o comentário deles, em princípio, que até achou que nós somos mais, que a gente fala melhor o português do que qualquer outra região do Brasil, né? POAH2SUP (243/7)

É nessa oposição entre os florianopolitanos e os “de fora” – e nos julgamentos que eles fazem da variedade de língua que utilizam – que pode estar a “chave” para os rumos de certas mudanças linguísticas em Florianópolis. Para saber se determinadas formas inovadoras trazidas pelos novos moradores serão ou não aceitas pelos nativos ilhéus, é necessário saber qual o julgamento que eles fazem sobre elas. Nesse sentido, as avaliações gerais, positivas ou negativas, que os falantes fazem sobre a própria fala nos dão indícios sobre o valor social de tais formas.

Para a variação diagenérica, diageracional e diastrática, não tínhamos hipóteses sobre os resultados relacionados às atitudes dos falantes. Observamos, na Tabela 4, que, sem surpresa, os mais escolarizados foram aqueles que mais manifestaram julgamentos positivos em relação à própria variedade (7 informantes).

Também os mais jovens mostraram-se mais propensos a julgar sua variedade de fala como superior a outras, mas, no fim das contas, como esse não era o foco das QMs do ALiB, grande parte dos 32 entrevistados não esboçou julgamento algum sobre sua fala.

Tabela 4. Atitude linguística dos falantes da amostra por sexo, idade e escolaridade

QUESTÃO 4	VARIÇÃO DIAGENÉRICA (sexo)		VARIÇÃO DIAGERACIONAL (idade)		VARIÇÃO DIATRÁTICA (escolaridade)	
	H	M	18 a 30	50 a 65	PRI	SUP
COMO O INFORMANTE AVALIA A VARIEDADE FALADA EM SUA CIDADE EM RELAÇÃO ÀS VARIEDADES DE OUTRAS CIDADES?						
Julga sua variedade como inferior ou menos “correta” que outras	2	2	1	3	2	2
Julga sua variedade como superior ou mais “correta” que outras	5	4	6	3	2	7
Julga que sua variedade não é nem inferior nem superior a outras	2	--	--	2	1	1

3.3 O falar do florianopolitano

Acreditamos que o grau de consciência linguística dos falantes de uma localidade não deveria ser obtido apenas pela identificação das diferenças existentes entre a sua variedade e as variedades dos outros, mas também por meio da identificação das características da sua própria variedade. E, através das perguntas que remetem ao falar do outro, por contraste, acabam surgindo comentários nas entrevistas do ALiB, como podemos observar abaixo entre os falantes de Florianópolis:

- (5) É... se nós formos no Pântano do Sul e eu perguntar pra, pra uma menina, “Daí visse alguém?” “ó, ió, ió, num vi, não”. Entendeu? E vai, e vai indo assim. Tem todo... é, se for chamada dona Maria, no Campeche, eles vai falar sinhá Maria. Entendeu? É... Não é dona Maria: “Ah, sinhá Maria passou ali”. Entendeu? É...eles têm...um estilo meio açoriano de fala. FLNH1PRI (230/1)
- (6) Ah tem gente que fala você, nós aqui, o certo, a gente fala tu. FNLMI1PRI (230/2)
- (7) O póp... o próprio povo daqui tem um... nós né, no qual eu me incluo, é claro, tem um jeito de falar diferente né, costuma falar... chamar de manezês. [...] Que quando eu me desconcentro eu acabo deixando fluir e ele aparece [...] geralmente é uma... um jeito acelerado de falar, rápido, bem rápido, e... com algumas expressões... expressões, assim, peculiares tipo, a mais famosa é “óióióiói” [...] É... é uma coisa que, às vezes, eu falo é o... o “dei”, em vez de falar “eu não dei”, é... que em manezês seria o... “o no di”, ou “eu não di”. Do com... acaba compactando a palavra e falando mais rápido, “ô no di”. É... mas ge... geralmente a forma é a mai... é acelerada, o jeito acelerado de falar e acaba encurtando as palavras e comendo um pouco das palavras, de forma que praticamente só quem é da ilha mesmo consegue entender o que tá sendo falado, né. FLNH1SUP (230/5)
- (8) As pessoas nativas que mantiveram aquele convívio dentro da comunidade né, são chamados os manezinhos, eles falam bem rápido né, bem ligero assim, se tu não presta bem atenção, tu acaba não entendendo o que eles dizem, porque eles falam tudo bem ligerin, bem ligerin, bem ligerin. FLNM2SUP (230/8)

Apostamos que os traços mais salientes do falar da ilha estariam relacionados a marcas prosódicas. A constante menção pelos falantes da

amostra de Florianópolis sobre a rapidez do falar e sobre a característica cantada da fala confirma isso e também é observada pelos falantes das outras cidades, como podemos ler nos trechos abaixo transcritos:

- (9) O catarinense também fala (cantado). CRTH2SUP (220/7)
- (10) Aqui em Santa Catarina o pessoal também tem, tem um outro estilo, também bem cantadinho de falar, né? (est). POAH2SUP (243/7)
- (11) Ah, Santa Catarina é mais cantado, né? Eles, se bem que acham que a gente é que canta, né? Pra falar (riso). POAM2SUP (243/8)

Além dessas duas características, o uso de “tu” e de expressões como “oioió”, indicando espanto, e “sinhá”, para senhora, também são citadas como características. Infelizmente, a falta de questões diretas sobre as características do falar local e o limitado número de informantes não nos permitem identificar um conjunto maior de traços típicos dos florianopolitanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conseguimos demonstrar que, analisando as respostas obtidas através de QMs, é viável agrupar as questões relacionadas à consciência linguística, estabelecer critérios para classificar as respostas dadas pelos entrevistados e medir, ou seja, traduzir em números, o índice de consciência linguística dos falantes de uma determinada região ou grupo. Não julgamos que essa medição reflita o que se passa na cabeça dos falantes ou mesmo que possa substituir a análise qualitativa mais detalhada, mas acreditamos que seja uma alternativa para sistematizar esse tipo de questão e comparar grupos de falantes segundo o tipo de respostas que dão às QMs.

Percebemos que, de certo modo, o objetivo de verificar o grau de consciência linguística dos falantes, para o qual as QMs do ALiB são propostas, pode ser alcançado, se bem aplicado o questionário. Contudo, as questões propostas estão focadas na percepção que os falantes demonstram sobre as mudanças que a língua sofre ao longo do tempo e sobre as diferenças linguísticas existentes entre regiões do Brasil e dentro de sua própria localidade, não havendo questões específicas que

reflitam a percepção dos falantes sobre as características e especificidades do seu próprio modo de falar. Mesmo assim, em certos momentos, alguns falantes da amostra que analisamos acabaram espontaneamente caracterizando a fala da sua região. Em outros casos, o inquiridor extrapolava o roteiro proposto e fazia questionamentos diretos:

- (12) INQ. - O que caracterizaria a fala de Porto Alegre em relação a outras? POAM2SUP (243/8)
- (13) INQ. - E assim, tem... eh, você acha que tem algumas palavras, algumas formas de falar que é típica do pessoal daqui de Florianópolis mesmo?
- INQ. - Você tem como me dar alguns exemplos de coisas que vocês falam aqui? FLNH1PRI (230/1)

Foi a atenção a esses momentos em que o falante caracteriza a própria fala que nos permitiu identificar alguns traços que os florianopolitanos consideram mais salientes na sua fala. Julgamos que questões desse tipo deveriam fazer parte do conjunto das QMs de bancos como o do ALiB, pois a caracterização da própria fala ou da fala de seus pares seria uma importante faceta da consciência linguística do falante. Além disso, confrontando respostas a questões desse tipo, seria possível ao pesquisador decidir, até mesmo, sobre seus objetos de estudo.

Devemos considerar que, como o Atlas Linguístico do Brasil pretende ser bastante abrangente e servir de base para uma série de pesquisas na área da geolinguística pluridimensional, é natural que o questionário seja condensado e geral. Entretanto, a inexistência de QMs diretas que promovam a revelação de atitudes, julgamentos e opiniões dos falantes sobre sua fala e sobre a fala de outros cria uma grande dificuldade para a realização de pesquisas que busquem a comparação entre *opinião/julgamento* e *conduta/uso*. Em alguns momentos, julgamentos emergem naturalmente, em outros, perguntas elaboradas pelo próprio inquiridor no momento da entrevista promovem espaços avaliativos:

- (14) INQ.- E quem diria que fala melhor?
- INF.- Todos nós falamos igual. [...] Cada um com as suas características. POAH2PRI (243/3)
- (15) INQ.- Pois é, o que é falar bem?
- INF.- É se expressar. Eu acho que falar bem pra mim é eu

conseguir transmitir aquilo que eu tô pensando. É o falar bem. Não quer dizer que eu falar bem quer dizer, não, não quer dizer que é falar o português correto, com as conjugações verbais todas perfeitas. POAH2SUP (243/7)

Esses escassos momentos avaliativos já nos permitem levantar algumas hipóteses sobre a atitude negativa dos florianopolitanos em relação à sua fala. Entretanto, são questões como as do ALGR (THUN et al., 2002) que perguntam diretamente sobre vergonha linguística, sobre a avaliação da fala e sobre os ambientes em que se usam determinadas variedades de fala que justificariam a aplicação das QMs.

Acreditamos que, mais do que servir para verificar o grau de consciência linguística dos falantes, as QMs têm o papel essencial de nos revelar as avaliações linguísticas dos falantes, informações que teriam fundamental importância para indicar o valor social de certas formas linguísticas e até mesmo de certas variedades de língua.

THE CONSTRUCTION OF A METHODOLOGICAL ARTIFACT TO MEASURE
SUBJECTIVE METALINGUISTIC EVALUATIONS

ABSTRACT

By confronting the answers given by speakers from Florianópolis with those given by speakers from Porto Alegre, São Paulo and Curitiba to the metalinguistic questions posed by the project Atlas Linguístico do Brasil, we aim to: a) identify what those questions can reveal as to the linguistic awareness and attitude of the interviewed speakers; b) put forward and test the construction of a methodological artifact to measure/quantify subjective metalinguistic evaluations. We have verified that the answers to the metalinguistic questions can not only help verify speakers' degree of linguistic awareness, but they have the essential role of revealing linguistic attitudes, which colaborates to the perception of the implementation or the extinction of variants. We were also able to demonstrate that it is viable to group together issues related to linguistic awareness, to establish criteria in order to classify the answers given by the informants and to measure the index of linguistic awareness of speakers from a certain region or group.

KEY WORDS: geolinguistics, metalinguistic questions, linguistic awareness, linguistic attitude.

NOTAS

- 1 Nessa obra, Labov retoma, avalia e comenta os resultados de sua tese de doutoramento, *The social stratification of English in New York City*, concluída em 1966, na Universidade de Washington, DC.
- 2 Essa comunidade de fala peculiar é unida por um conjunto comum de normas avaliativas, apesar de divergências no uso. O tema dominante nas avaliações subjetivas que os falantes nova-iorquinos do Harlem fazem da própria fala revela uma profunda insegurança linguística, que está relacionada a um padrão de estigma há muito tempo associado a esta variedade de língua (LABOV, 2006).
- 3 Para compor um questionário geral aplicável a todos os pontos da rede, os membros do Comitê Nacional do Projeto ALiB, levando em consideração os atlas regionais já publicados e o Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e Galiza, formularam questões fonético-fonológicas (159); questões de prosódia (11); questões semântico-lexicais (202); questões morfossintáticas (49); questões de pragmática (04); temas para discursos semidirigidos – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal; questões metalinguísticas (06) e um texto para leitura – “Parábola dos sete vimes”.
- 4 O Projeto, liderado pela UFBA e que envolve doze universidades no total, ainda está em andamento e pretende constituir um atlas geral do Brasil referente à língua portuguesa. Estabeleceu-se uma rede de 250 pontos no território nacional, onde foi e está sendo realizada a aplicação do questionário a informantes nativos da localidade pesquisada, estratificados em sexo (masculino/feminino), idade (de 18 a 30 anos, de 50 a 65 anos) e escolaridade (até o nono ano do Ensino Fundamental/Ensino Superior), os quais somam mil e cem sujeitos.
- 5 Tomamos o cuidado de confrontar as transcrições das entrevistas da amostra em análise com o áudio correspondente a cada uma delas, verificando a plena compatibilidade transcrição-áudio.
- 6 O código que aparece no final de cada exemplo identifica o ponto e o número do informante (243/7 – Ponto referente a Porto Alegre [243] e informante número 7), bem como traz informações sobre as características dos informantes (POAH2SUP – informante de Porto Alegre [POA], homem [H], mais velho [2], com nível de escolaridade superior [SUP]).

REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. de A. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio/ago. 2008.
- CARDOSO, S. A. M.; MOTA, J. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: _____. (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-26.
- COSERIU, E. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982.
- ECKERT, P. The meaning of style. In: CHIANG, W. F.; CHUN, E.; MAHALINGAPPA, L. e MEHUS, S. (Eds.). *Proceedings of the eleventh annual symposium about language and society—Austin, Texas Linguistic Forum 47*, v. 47, 2004. p. 41-53.
- FERNÁNDEZ, F. M. Actitudes Linguísticas. In: _____. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.
- FERREIRA, C.; CARDOSO, S. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- LABOV, W. *The social stratification of english in New York City*. 2. ed. New York: Cambridge, 2006.
- LABOV, W. *Padrões sociolingüísticos*. Tradução de Bagno; Scherre; Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972]2008.
- MARGOTTI, F. W. *Difusão sociogeográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.
- MOLLIÇA, M. C. Como o brasileiro fala, percebe e avalia alguns padrões linguísticos. In: HEYE, J. (Org.). *Flores verbais*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 121-129.
- MOSIMANN, J. C. *Catarinenses: gênese e história*. Florianópolis: Edição do autor, 2010.
- PAGOTTO, E. G. *Variação e identidade*. Tese (Doutorado) – Unicamp, Campinas, 2001.
- PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL (AliB). Disponível em: <<http://www.alib.ufba.br/index.asp>>. Acesso em: 1 maio 2011.
- RADTKE, E.; THUN, H. Nuevos caminos de la geolingüística románica: un balance. In: _____. (Orgs.). *Neue wege der romanischen geolingüistik*. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24/10/1991). Kiel: Westensee-Verlag, [1991]1996. p. 25-49.

THUN, H. O tratamento do material etnográfico no Atlas Linguístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU). In: *Atas do encontro sobre cultura popular*. Ponta Delgada/Açores: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499.

THUN, H. et al. *Atlas Linguístico Guaraní-Românico (ALGR)*. Tomo II. Kiel: Westensee-Verl., 2002.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, [1975]2006.